



N.º 36 — LISBOA, 17 DE SETEMBRO

1.º ANNO 1933

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 15000 rs. || Brazil, anno 52 numeros..... 25500 rs.
Semestre, 26 numeros..... 5500 rs. || Africa e India Portuguesa, a no 15000 rs.
Cobrança pelo correio..... 5100 rs. || Estrangeiro, anno, 52 numeros... 15800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CARDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO
Lithographia Artistica
Rua de Almada, 39 e 31



VIDA NOVA — Deficit em abril: — 3:387 contos.

Amor, mulheres e casamento

Na sua obra methodica de prevenção do espirito publico, os jornaes continuam a tornar infinitamente sympathicos os individuos de temperamento amoroso que, nos seus accesos de paixão—matam a mulher.

Assim o afinador de pianos que, a semana passada, disparou tres tiros de revolver contra a sua governanta.

Este humilde obreiro adquiriu *ipso facto* uma estridente notoriedade e, com ella, um logar na sympathia publica, porque os jornaes, que tudo regulam, assim o bem como o mal, já o inculcaram eminentemente sympathico.

Vejam os — como se diz na *Sociedade onde a gente se aborrece*.

Se o criminoso é sympathico, o seu crime é alguma coisa mais do que sympathico. — é necessario, porque os actos sympathicos são sempre necessarios.

Applaudir o criminoso é pois, mais do que applaudir o crime — é aconselhar ao crime.

Comtudo, trata-se da vida humana — inviolavel.

Não importa!

Inconsideradamente, a imprensa estabelece a doutrina de que a vida humana é sem valor desde que concorre na pessoa de uma mulher que se aborreceu de um homem.

Todas as leis humanas são assim destruidas.

Crébillon, alguns seculos mais velho do que nós, dizia:

*Un meurtre, quel qu'en soit le pre-
texte ou l'objet,
Pour les coeurs vertueux est toujours
un forfait.*

Mais modernos, mas não mais humanos, nós sustentamos que o assassinio tem muitas vezes cabimento e pôde ser applaudido pelos corações virtuosos, porque está estabelecido que a imprensa seja o paladino da virtude.

Por outro lado, porque se tornou tão particularmente interessante este afinador de pianos?

Por ter, ao que parece, castigado a infidelidade de um coração que se recusava a pertencer-lhe illimitadamente.

N'este caso, se os jornaes tem o criterio de que o coração feminino é uma propriedade do homem, elles estão mais atrasados do que o seu proprio tempo, que já condemnou o mesmo matrimonio, precisamente por elle hypothecar perpetuamente bens que, pela sua natureza, não é licito comprometter sem limite.

Os jornaes sustentariam assim uma doutrina mais barbara ainda do que a das leis que concedem a impunidade aos maridos vingadores. Elles estabeleceriam a impunidade para os amantes, que estão, como é geralmente sabido, fóra da lei, pois que o Estado só sanciona o amor nos limites severos do Código Administrativo. O amor que não se faz acompanhar de uma folha de papel sellado não gosa de nenhum beneficio juridico, e se não é francamente perseguido como a isca, não é em circumstancia alguma, assistido da lei.

O sympathico afinador de pianos de quem nos estamos occupando, achava-se francamente fóra da lei.

Elle era, porém, um coração profundamente lesado — asseguram os jornaes.

D'est'arte, a Moral — de que os jornaes são igualmente os representantes — que já tinha instituido a honra dos maridos, passou a instituir a honra dos amantes.

Tinhamos já na litteratura e nos costumes — o marido ultrajado.

Eis que se nos depara — o amante por igual modo ultrajado.

Tem um mais razão de ser do que o outro, e pôde a honra de um e outro entrar a sério na balança dos sentimentos humanos?

De nenhuma maneira.

Em primeiro logar, o que é a honra?

Um auctor dramatico, cujo nome nos inhibimos de pronunciar para não nos sobrecarregarmos de testemunhos eruditos, afirma que a honra não é um sentimento geral, mas um sentimento de profissão, havendo assim:

A honra dos militares.

A honra dos jornalistas.

A honra dos negociantes.

A honra dos padres.

A honra dos alfayates.

A honra dos cosinheiros.

O que é motivo de deshonra para estes, não o é para aquelles.

Os commerciantes não se batem.

Chamados ao campo da honra, Jeronymo, Martins & Filho, tem o direito de fazer ouvidos de mercador.

A honra dos commerciantes consiste em pagar. Não pagar, é que é a deshonra.

Em equaldade de circumstancias, chamado a pagar, o militar tem por seu turno o direito de fazer ouvidos de mercador.

O seu credito, isto é, o timbre da sua profissão, que é a sua bravura, permanece intacto.

Não já assim se recusar bater-se. Então sim: é a deshonra, porque a honra dos militares consiste em constantemente demonstrar que são bravos, ao contrario dos individuos da classe civil, que algumas vezes podem ser desdouro parecer poltrões.

A honra do alfayate, por exemplo, é fundamentalmente differente da honra do cosinheiro.

Vatel — para citar um exemplo historico — suicidou-se por motivos de brio profissional, em circumstancias que deixariam perfeitamente indifferente Lopes, Lourenço & C.^a

Isto é, a honra não é uma reivindicção humana, mas tão sómente social e como tal ainda — uma honra de classe.

Ora desde quando foi possivel considerar que os maridos constituissem uma classe?

Mas admittindo que sejam uma classe, como a dos carpinteiros civis ou a dos operarios das artes metallurgicas, como funciona o mecanismo da honra dos maridos?

O mecanismo da honra do marido — é a mulher.

O marido deshonra-se, quer dizer: o homem é tornado responsavel por um acto que só outro praticou.

Semilhante situação moral não resiste a cinco minutos de raciocinio, mas emfim, o homem tem o habito de conservar e conserva tudo, mesmo os piores desconchos.

Conserva-se pois, a honra dos maridos, mas por Deus! que não entre para o museu de antiguidades onde ella está — a honra dos amantes.

Socialmente, os amantes não estão aggremiados.

Não tem deveres.

Não é equitativo que tenham direitos, a não ser o que já aconselhava Camillo — o de deixar correr o marfim.

JOÃO RIMANSO.



Feliz nos amores!

Quem é aquelle morador a Arroyos
Que até saloios desancava a pau?
Que, dos amores alargando a lista,
Chega a fadista de supremo grau?

Elle pensou *regenerar* o mundo,
Cesto sem fundo, como ahi se diz;
E amou a filha d'um illastre Fontes,
Que encheu de pontes immortal paiz!

Mas, vendo que esta lhe entortava a faina,
Passou-lhe a plaina sem dizer adeus;
E amores novos foi pedir, tyranno,
A um Luciano... que não foi dos seus!

E este *nosso* homem, na atrevida escolha,
Não mostra bolha, mas á patria amor,
E qualquer dia seu bedelho mette
Nos de barrete de vermelha côr!

Nephebibata elle será um dia
Se essa mania proveitosa achar;
E quando acôrde com amor á capa
Pensa em ser Papa para então brilhar!

E assim no amor, barafustando á toa,
Levanta a prôa e caminhando vae,
Até que um dia esta nação de ingratos
Ha de ter flatos de chamar-lhe pae!

E diga lá o Eduardo Sete
Se não promette um paladino assim!...
Se não é honra ser fiel alliado
D'este plantado á beira mar jardim!

OUTRA NA FERRADURA

A proposito de educação physica, cita um jornal o depoimento de uma forte autoridade medica, segundo a qual se deveria exigir aos individuos que desejassem casar um attestado de frequencia dos gymnasios.

Está em admiraveis condições o sr. Pinto—do Gymnasio.

Tem a frequencia requerida.



O mesmo jornal, sempre apprehensivo sobre o destino da raça diz que, em geral, «casa-se para ter uma posição».

Por via de regra.

Mas ha quem não se contente com uma.



Sempre na mesma ordem de reflexões, acrescenta:

«Comparamos as estatuas gregas, que na maior parte copiam fielmente os typos de outr'ora, com os homens da nossa epocha, e teremos a infinita distancia que sepára os antigos dos modernos.»

E' a distancia que vae de Pericles ao sr. Hintze Ribeiro.



Deplora este periodico que as creanças não sejam sufficientemente fortes, talvez como em Sparta, onde as creanças fracas eram deitadas ao barril do lixo.

Por seu turno, outro periodico diz:

«Cada habitante de Lisboa, incluindo as creanças mesmo de mezes, paga, em media, mais de 70000 réis por anno de impostos lançados sobre os generos alimenticios de primeira necessidade.»

Se o destino das creanças, mesmo as de mama, é pagar, que importa a sua robustez?

Em rigor, os matrimonios logicos, nos Estados organizados para despojar o cidadão, são os matrimonios infecundos.

Havendo filhos, que importa que elles não sejam fortes, se o seu destino é serem enfraquecidos pelo Estado?

Na sua grande maioria, o cidadão das classes mais numerosas organisa uma familia que dois inimigos, em concorrência, immediatamente disputam—a miseria e o fisco.

Logicamente, os portuguezes deviam ser malthusianos.

A castidade em Portugal impunha-se—em legitima defeza.

A fecundidade dos paes e das mães é a fortuna dos partidos.

Não fazer filhos seria fazer a revolução—pela grêve.



Annuncia-se para breve, no Porto, o apparecimento de um jornal intitulado a *Trincheira do Magisterio*.
Redactor principal—o Botas.



N'um dos ultimos cyrios appareceu, referem os jornaes, uma carruagem armada em forma de cysne, com nuvens azues e brancas.

Se tudo entre nós é constitucional—até as nuvens!

E o proprio sangue azul—não é elle azul e branco?



Telegramma de Pekim para a *Folha* (nem mais nem menos) noticia que a Russia se comprometteu a evacuar a Mandchuria.

E' a sorte dos povos debilitados—serem evacuados.



Falla-se n'um novo syndicato—o dos assucares.

Consta que adoptará a seguinte divisa: «*Hão de amargal-os*».



Um jornal afirma que Pio X tenciona quebrar a tradição que vem de Pio IX, segundo a qual o Papa se considera prisioneiro do rei de Italia. E acrescenta que o pontifice irá, no proximo anno, passar o verão a Castello-Gondolfo, que fica a dezoito kilometros de Roma.

S. Paulo dizia: «Crede em mim, que estou sempre preso».

Pio X pensa e com razão que estar sempre preso não é condição essencial para ser acreditado.

A cadeia não é folha corrida.

Antes pelo contrario.



A proposito de assucares:
E' tambem o Ferrari quem fornece os jantares de Vianna do Castello.
Este Ferrari não é um confeiteiro: é o Topa-a-Tudo—em calda.

O fim d'uma actriz

A actriz Angela Pinto foi muito presenteadada na noite da sua ultima festa artistica no Theatro da Trindade, com a representação do conhecido drama *João José Jára*.

Entre muitos outros brindes, recebeu os seguintes:

Um retrato de Leão XIII.

Uma imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Um livro de missa.

Um crucifixo de prata.

No momento do nosso jornal entrar na machina, chega-nos a noticia que Angela Pinto sae da Trindade para entrar nas Trinas de Mocambo.



Frei Zé

Já chegou, já chegou,
Para a Sé se encaminhou

P'ra que em luza cachimonia
Se exaltem as devoções!
Da romana Babilonia
Chegou á nossa Parvonia
D. Frei Zé dos *Kurações*.

Eu que não sou nenhum broma
Com feitio de sandeu,
Aspirei do incenso o aroma...
Julguei que elle lá em Roma
Apanhava o solidéo.

Tamanha crença eu nutria,
Que fiz uma grande aposta
No cimo da Cotovia...
Co'o prior da freguezia,
Pancrácio Bento da Costa!

Jurei nos confins da Lapa,
No *Retiro dos Vegetes*,
Que elle havia de ser Papa...
E eu tinha de vestir capa
P'ra lhe deitar os foguetes!

A minha satisfação
Foi dar em vaza-barris...
Pois vae ao depois então
Ao pennacho deita mão
Um pio, que é Pio XI!

Chorae, sacristas de cá,
Choremos, devotos pios,
Que o dos Corações com k
Papaes benções não dará
Por ficar a vêr navios!

O *pedreiro*, (*) não me impinjas
As tuas lérias fataes;
Espertalhão não te finjas,
Que elle estava a dizer ginjas,
E até ginjas garrafaes!...

Dizem com tristeza incrível
Os sacristas de fanhões,
Que chega a ser impossivel
Haver maior *Infalível*
Que um Frei Zé dos *Kurações*!

BONIFACIO.

VILLEGIATURAS ELEGANTES

SPORTING CLUB

VINS ET
MANGER
COM
ASSEIO
TABACS
HABILITE

50. ||||| - P
||||| +
10328
40
50

AUJOURD' HUI
HA DOBRADA

ALTO FREN



© chinquilho em Cascaes

As gorgetas

Silva Pinto philosopha-quasi todos dias na *Voz Publica*.
Quando está com os seus azeites, falta.

No dia seguinte volta, queixa-se dos rins, diz mal da Soledade e do mundo obnoxio.

Ultimamente tem arribado.

Faz-me observar Tiberio, diz elle, que chegámos á ultima—em relaxadissimo des-caro. E' a proposito da facilidade em pedir gorgetas, gratificações, coisas. Por exemplo já é difficil, em Lisboa, fazer a barba por 60 réis; o barbeiro espera, com ares irritados, 40 réis de gratificação. Nos cafés e nos restaurantes, é contar, para o creado com 10 e 20 réis de despeza feita. E já principi-am em esperar a generosidade do freguez... quem? os conductores dos carros electricos.

Silva Pinto foi o primeiro a lançar o alarme.

E' justo que lhe demos as alviças-ras.

E' certo, pavorosamente certo que os conductores dos carros electricos entraram, por seu turno, no regimen da gorgeta, e o que é peor—no regimen do favoritismo.

Assim como os creados dos restaurantes tem os seus clientes favoritos, assim os tem já os conductores dos electricos.

E' ouvil-os.

Em elles levando a mão ao bonnet e dizendo com um sorriso:—«Meio tostão, sim?» é certo.—E' passageiro de gorgeta.

O passageiro deixa ficar o troco, dez réis, um vintem e paga assim o goso de ser cumprimentado pelo conductor.

Silva Pinto chama a estes passageiros—impostores.

Não são impostores. São o Homem—o eterno papa-moscas.

Em o conductor não levando a mão ao bonnet, em fazendo simplesmente—«Pshiu! Para onde quer?» é tambem certo. E' passageiro que não dá gorgeta.

Estes são os rebeldes á conquista do homem—pela gorgeta.

Agora pergunta-se:

Por quanto nos vae sair a vida, se todos os serviços vao assim ser taxados de uma contribuição e em que bases vae d'ora ávante assentar a vida se não já os codigos, os regulamentos, as posturas, mas o interesse só vae regular as relações entre os homens?

Estabelecida a doutrina da gorgeta a todo o transe, a urbanidade, a cordura, a cortezia cessam.

O que fica?

A gorgeta.

Já não será licito pedir agua, pedir lume, simplesmente perguntar as horas, ou a quanto estamos do mez—coisas que até agora se faziam de graça e com maviosidade.

Decretada a gorgeta, o commercio social será tarifado, nas suas menores manifestações.

Um jornal custará dez réis, mas o serviço que nos presta o vendedor, vendendo-o—custará um vintem.

**Assumptes colonias**

Dizem os jornaes.

«Pelo Ministerio da Marinha foi sollicitado ao da Guerra que dê as competentes ordens afim de ser feito convite aos contra-mestres de musica e musicos de primeira classe dos diversos regimentos, para irem servir na provincia de Cabo Verde.»

E' a primeira providencia séria que o Governo toma para debellar a fome que devasta aquella provincia.

**Fecundidade**

Noticia um correspondente:

«Manteigas, 12. Tem sido assumpto de viva curiosidade e de geral espanto o caso de, na semana passada, ter havido n'esta villa oito partos, todos a duas creanças. As oito mães dos desaseis gêmeos encontram-se relativamente bem.»

E' um *pendant* curioso para o caso biblico da multiplicação de pães: a multiplicação de... Manteigas!

**O centenario d'uma dor de barriga**

Já se conhecem pormenores muito curiosos do programma com que a grande cidade de Chicago vae comemorar o centenario da sua fundação. Trata-se de reconstituir, com absoluta propriedade historica, o primeiro episodio da vida de Chicago, ou seja o ataque do fortim dos seus primitivos colonos por um bando de pelles vermelhas. As figuras que não de entrar n'esta representação devem approximar-se da verdade tanto quanto possível, e por isso os pelles-vermelhas serão authenticos.

N'este episodio, que em tudo será fielmente reproduzido, entra uma sentinela que, no momento decisivo do ataque, experimentou uma violenta dor de barriga. Este detalhe é rigorosamente historico. As calças d'essa sentinela ainda hoje se vêem n'um importante museu de Chicago.

A mosca

Alguns membros da Sociedade Protectora dos Animaes, de Paris, levantaram uma questão que não deixa de ter seu interesse—para as moscas.

A questão é esta: a mosca tem ou não tem direito á protecção do homem? A questão debate-se, n'este momento.

Aguardemos o resultado. Se da discussão se chega a apurar que a mosca deve ser protegida, Sebastião da Silva Leal ver-se-ha obrigado a pedir a sua exoneração de secretario perpetuo da Sociedade Protectora dos Animaes.

Porque é um papa-moscas.

**Um imperador maluco**

Ha mais noticias de Lebaudy, aquelle famoso Lebaudy que quer ser imperador do Sahara. N'este momento, estuda elle a organização religiosa do novo Estado, tendo já entrado em negociações com 25 irmãos da Doutrina Christá e 18 irmãs do Espirito Santo, para que ali vão estabelecer-se. Ficarão adstritos á igreja de Troya, cuja construção estará prompta no fim d'este anno, 4 missionarios, com o encargo de celebrarem cerimoniaes religiosas. Não parece um imperio. Parece um centro nacionalista.

**Algalia e milagre**

Um redactor da *Palavra*, que acompanhou a peregrinação portugueza a Lourdes, presenciou e refere um curioso caso de milagre realizado na pessoa do Sr. Dr. Abundio da Silva, distincto publicista e professor, o qual andava soffrendo, havia muito tempo, de uma fistula na urethra, que exudava pús a todo o instante.

«Apenas chegado a Lourdes—conta o redactor da *Palavra*—o Dr. Abundio dirigiu-se á secretaria dos medicos. O Dr. Boissarie examinou-o. Começou immediatamente a tomar banhos na piscina. Ao quarto dia, o doente foi novamente visto pelo Dr. Boissarie, que verificou não haver já produção de pús, aconselhando-o a que deixasse de usar a algalia.»

E' o milagre de Lourdes em concorrência com o Sandalo Midy e o depurativo Dias Amado.

Reportagem aguda

Dois reporters amigos, tendo acabado de jantar juntos, dirigiam-se regaladamente para a feira de Belém, a passar um bocado da noite, quando ao chegar ao Largo de S. Paulo, ouviram os gritos afflictivos de uma mulher, que bracejava d'um quinto andar, pedindo soccorro.

Em quanto um dos reporters procurava um apito na algibeira das calças, o outro enfiou pela escada do predio onde vira a mulher, e lá chegou acima primeiro que ninguem. No pátamar havia vestígios de sangue, a porta estava escancarada; uma velha, atirada ao chão, cosida de facadas, agonisava.

Atraz do reporter acudiu a visinhança, veio a policia, encheu-se a casa de gente, e quando o outro reporter subiu e quiz dar fé do que se passava, já não poudé lá chegar, tanta era a gente que se apinhava na escada.

Passado algum tempo, atraz do corpo da velha, que era transportada n'uma maca ao Hospital, appareceu o primeiro reporter, radiante. E quando chegou ao pé do outro, mostrou-lhe dezoito tiras de papel, que já encherá de apontamentos.

—E' uma noticia d'arromba! disse. —E tu, o que fizeste?

— Ora, o que fiz! explicava o segundo, descorçoçado. — Fiquei a apitar!



Noticias da Arcada

Diziam um dia d'estes, á uma, todos os jornaes da tarde:

«O Sr. Ministro da Marinha não vem hoje á sua secretaria. Ficou a trabalhar na sua casa do Estoril.»

Está no seu direito.
O Sr. Ministro da Marinha é pedreiro — livre!



MOTE

No cimo da Cõtovia.

GLOSA

Ullysses, lá diz a historia,
Era um prodigio de prendas,
E fez coisas estupendas
Que ficaram de memoria;
Ganhou os louros da gloria,
Deu assombro á Mouraria;
Mas juro á Virgem Maria,
Meu devoto lyrio branco,
Que mais vae fazer o Franco
No cimo da Cotovia.

Canções populares

MOTE

Comprei um gatinho coxo
Que era mui formoso bicho,
Caiu do telhado abaixo,
Foi na carroça do lixo.

GLOSA

Morei ha tempos na baixa,
Em casa do Zé Barruncho,
Velhote já com caruncho,
De lenço encarnado e caixa:
No sobrado muita racha
Tinha aquelle predio chocho;
Não me vendo nem a arrocho
Livre de ratas machuchas,
A's minhas visinhas bruxas
Comprei um gatinho coxo.

Era lindo e pequerrucho,
Tinha as unhas como ganchos,
Ratos, que andavam aos ranchos,
Matal-os era o seu luxo;
Foi-se tornando gorducho,
Poís tratava-o a capricho;
Tinha cama no seu nicho,
Comia peixe e bolachas,
E diziam as muchachas
Que era mui formoso bicho.

Este bicho era uma frecha,
No telhado tinha rixas,
E por causa de tres bichas
Sentia d'amor a brecha;
Mas o gatinho lamecha,
Lá por artes do diacho,
Brigou com um gato macho
Que nada tinha de frouxo...
E, como era gato coxo,
Caiu do telhado abaixo!

Sinto uma dôr que me racha
E tristemente me embucha;
Tenho que vêr uma bruxa,
Negra sorte me atarraxa!...
Sou desgraçada muchacha,
O pranto sáe-me de esguicho;
Por que o meu formoso bicho
Morreu ao cair n'um tacho,
E embrulhado n'um capacho
Foi na carroça do lixo!

Para as tristezas um mocho,
Para dar coices um macho,
Para os ratos um caroxo,
Tres figas para o diacho.

VENANCIO.



Medida certa

Os cumes da Suissa não são tão altos como se suppunha. E' a Direcção da Topographia Federal que acaba de fazer esta revelação. As altitudes das montanhas suissas tinham sido avaliadas, em 1832, em relação a um pequeno rochedo do Lago de Genebra, tendo-se adoptado para essa rocha a cota de 376^m,86 acima do nivel do mar. Agora, outros calculos mais precisos determinaram que aquella cota deveria ser de 373^m,6. Assim, todas as montanhas da Suissa têm 3^m,80 a mais.

O que vem a dar uma differença de 2 pollegadas para o Costa Pinto.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Serviço combinado com a Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta e de Salamanca á fronteira portugueza

Feira annual e grandes touraetas em Salamanca nos dias 11, 12, 13 e 14 de Setembro de 1903.

Bilhetes de ida e volta por preços muito reduzidos, validos pelos comboios ordinarios, para ida, de 7 a 23 de setembro, e volta, de 8 a 25 de setembro, aos preços de: de Lisboa-Rocio ou Caes dos Soldados a Salamanca e volta. 1.ª classe, 9\$000; 2.ª 5\$040, estando incluido o imposto do sello para o governo portuguez.

Mais esclarecimentos, vêr os cartazes affixados nos logares do costume.

Lisboa, 3 de setembro de 1903

Pelo Director Gerat da Companhia
O engenheiro sub-director
Augusto Luciano S. de Carvalho.

Ourivesaria - Relojoaria
com officina annexa

de fabrico e concertos



FLORINDO

Jóias

com brilhantes

Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99



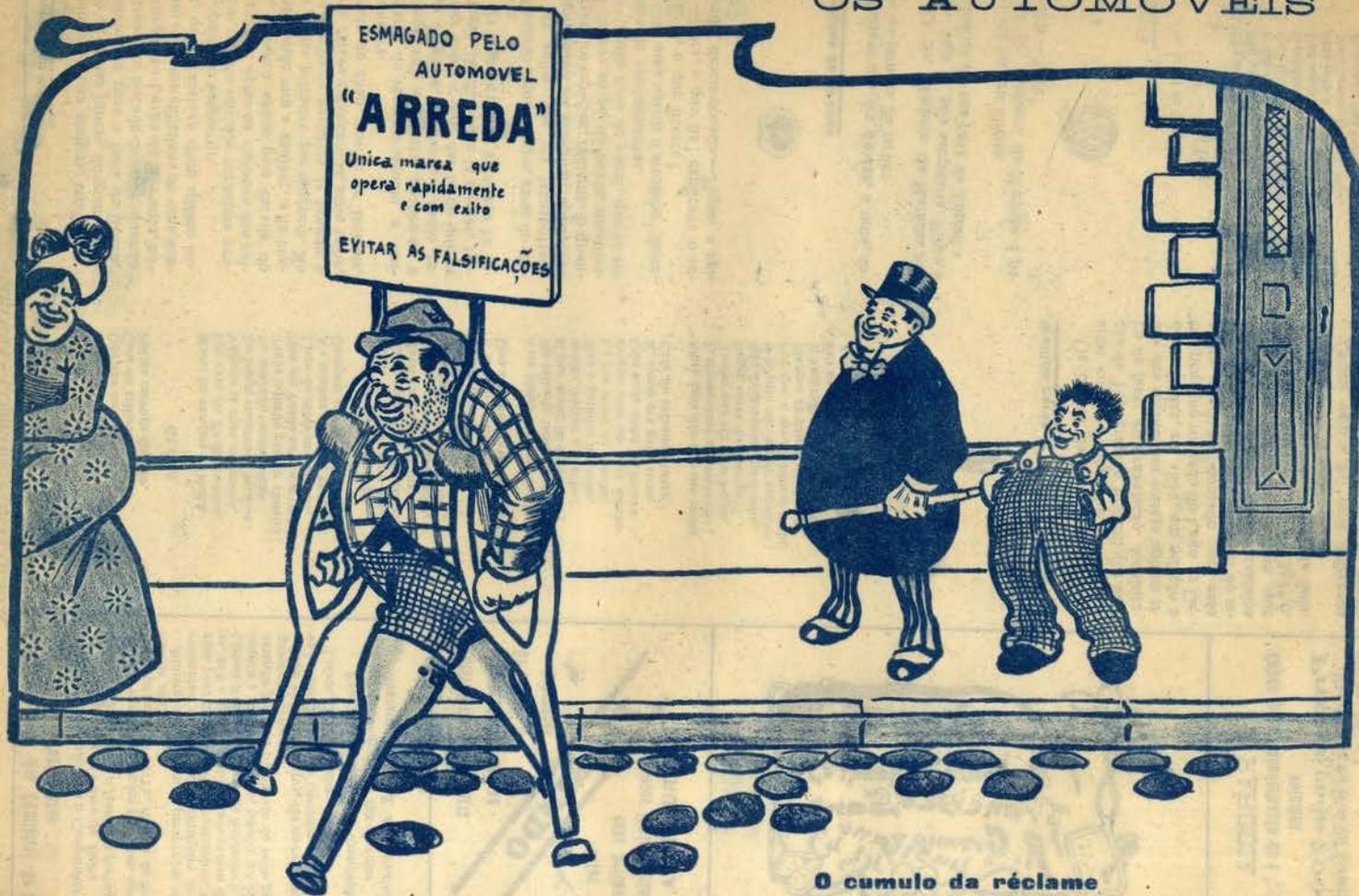
A PARODIA

Capas para encadernação do 1.º, 2.º e 3.º volumes

Preço de cada 700 reis

Vendem-se na Rua do Gremio Luzitano, 66, 1.º.

OS AUTOMOVEIS



O cumulo da réclame